

VINTE E SETE DE NOVEMBRO DE 1970

Discurso proferido, em nome das Forças Armadas, pelo Ex.^{mo} Sr. Gen Div Álvaro Cardoso, junto ao Monumento às vítimas tombadas no cumprimento do dever.

Recordação, reverência, presença e afirmação traduzem o motivo, o fundamento e a finalidade desta reunião.

Recordação de companheiros de farda que se foram, faz 35 anos.

Reverência a soldados que se deram ao sacrifício de suas vidas, cidadãos devotados à manutenção da ordem e da tranqüillidade.

Presença de camaradas consagrados a luta contra o comunismo.

Afirmação de uma Pátria livre, Nação soberana; afirmação de propósito nacional.

Para os companheiros hoje relembrados, novembro de 1935 marcou a posteridade.

"A morte é um selo autêntico na memória do homem."

"Se, para o crente, é ela o momento do qual depende a eternidade, é, para todos, o instante do qual depende a posteridade."

Os que caíram combatendo naquele novembro asseguram o direito ao porvir pelas razões do momento supremo.

Num relance, a grandeza, o desprendimento: — exemplo de civismo, consciência profissional, formação militar.

Apenas um momento — e estão eles conosco até agora; presentes permanecem e, mais adiante, pelo futuro, seguirão incentivando um Brasil de grandiosa finalidade.

Juntos, em nova celebração, renovaremos louvores à Pátria.

É um encontro que os desígnios da História marcaram, onde, sendo nós os vivos partícipes, melhor percebemos o caminho que aquêles valentes souberam indicar.

Encontro aprazado nesta Praia Vermelha, atraente borda, palco que foi de ocorrências decisivas, chão de lembradas passagens, onde a aura viajora do Oriente e o salso acalento do Atlântico se confundem no permanente embalo do repouso dos heróis de Dourados e Laguna que aqui vieram em merecida eternidade.



MONUMENTO AS VITIMAS DA INTENTONA COMUNISTA DE 1935

Neste local impregnado de civismo, recordação, orgulho e emoção nos reunimos — Forças Armadas, Povo, o Brasil — para render merecimentos, prestar homenagem, formular expectativas e redobrar confiança nos destinos do País e no valor dos seus homens e dos seus dirigentes.

Sim, aqui estamos; é a homenagem aos militares tombados no motim comunista em defesa da democracia e da liberdade.

Sim, valerosos companheiros de novembro de 1935, intímoros lidadores, se bem soubestes morrer, melhor tendes, ao nosso dever lembrado o compromisso que ficou; vossa participação foi bem compreendida.

Temos nos empenhado por ser bons depositários da mesma causa, defendendo com intransigência a liberdade e a democracia que sustentastes, os mesmos ideais por que vos destes em exuberância de vida e carreira.

Entretanto, pela morte que sofrestes não vos choramos, não vos lamentamos, pois os bravos temos por símbolo bem alto erguido, fanal sempre à vista.

Não importa como vos abateram.

A traição que em pérfida surdina armou o braço assassino, as balas que no fragor da luta vos alcançaram não liberaram caminho ao sanhudo assaltante.

E, na realidade, nunca se poderia aceitar uma filosofia de vida que não admite a liberdade, não considera a religião, desprestigia as instituições, desmerece a justiça, a moral e a família, derroga tradições, não promove convivência pacífica, filosofia que não tem sentido nacional.

Que seja apenas uma longa e tenebrosa seqüência de golpes, protestos, subversão, roubo e assassinio, terrorismo, prepotência, assaltos e seqüestros, instabilidade e insegurança, discórdias e destruição, permanente afronta aos padrões que nos formaram.

Doutrina que atenta contra a razão e o coração, contra o conceito democrático, dificulta o exercício da soberania tranqüila e construtiva, desvirtua Trabalho, Religião, História, Pátria e Nação; doutrina que "ameaça submergir as instituições que fizeram grandes os povos."

Não somente a evitamos como a repelimos em luta incessante pois o inimigo é perseverante e ardiloso.

Não descansa: — Constantemente, é sanguinário e brutal; solerte e traçoieiro, sempre; prepotente e conquistador, continuamente.

Na espreita, no golpe e no arreganho, dificilmente esmorece no intuito de solapar a estrutura que temos preservado — a liberdade

de mantermos os nossos valores e os nossos padrões como paradigmas que instituem a moral, exaltam o civismo e organizam a sociedade.

Sem dúvida, por tudo isso, "repudiamos a pregação dos extremistas que exigem, de forma primária, a destruição das instituições."

A violência — mesmo a dos "pacíficos" — "só e sempre destrói, nada constrói; só excita paixões, nunca as aplaca; só acumula ódios e ruínas e não a fraternidade e a reconciliação."

Sua filosofia é a negativa, sua finalidade a derrocada, seu instrumento o terrorismo, seu objetivo uma nova ordem estranha e hostil.

Não é resposta a coisa alguma; ao contrário, é a agressão em precedência e prioridade, um desarrazoado e injusto desafio, um ultraje, uma afronta ao regime que se processa em expectativa de grande proveito.

É, tão-somente, subversão: — da origem aos resultados, dos propósitos à realidade.

A repressão à violência do terrorismo é atitude de defesa, natural e conseqüente anseio de sobrevivência e de salvaguarda de uma estrutura que tem sido tradição, história, vida e presença do Brasil.

Não há como inverter-se essa referência de causa e efeito embora isso tentem e busquem aqueles que habitualmente demudam palavras e conceitos.

Capciosamente, insnuam como premissa de injustiça e subjugação toda política que empreenda o Brasil para concretizar objetivos de tranqüilidade e desenvolvimento.

Na forçada falsidade, situam a violência como efeito ou resultado, conseqüência tentando capitalizar simpatia ou indulgência para a revolta, para a provocação, para os resultados da criminosa iniciativa e, suplementarmente, sugerir a condenação do regime.

No entanto, a realidade aí está.

De um lado, o formal repúdio, pelos brasileiros, do comportamento dessa desbrasileirada minoria, vanguarda vermelha a serviço inimigo, ponta de lança à procura de uma brecha por onde infiltrar-se.

De outro lado, o aplauso, o apoio e o incentivo às medidas e providências com que a Nação vem se resguardando, concordância nacional com o compromisso de manter-se o País fiel aos princípios da democracia e da liberdade.

Que se calem os deturpadores de palavras e conceitos, habilidosos na sub-repção e na dialética do tumulto, os de insinuação fácil, ornamentada e falsa, os que pintam a execração com as cores da simpatia, retratam o ódio em ângulos de tolerância e pretendem mostrar a tranqüilidade na violência, "os que falam e não se reconhecem na própria fala".

Que os pregadores da incompreensão e do desgaste considerem no justo termo as condições e as características do nosso progresso, as dificuldades, as servidões e os limites que devem ser superados, o honesto e pesado empenho dos nossos dirigentes, a necessidade de ajustado acórdio e serena decisão para mais desenvolvimento.

Que a evidência e a reflexão vençam a relutância e que se faça ouvir o bom chamamento.

Por que não ser brasileiro onde se é brasileiro?

O BRASIL "está a exigir de seus filhos uma atuação que realmente corresponda à magnitude do seu território bem como aos levantados ideais das gerações que legaram todo êsse imenso patrimônio."

Que outra mensagem veríamos neste encontro senão esta de entendimento e estímulo?

Mensagem que se inspira no modelo e na conduta dos bravos de 1935 e que se endereça a todo o BRASIL pela firmeza e pela esperança do seu significado.

Que outra finalidade a não ser o firme desejo de permanência nacional?

Nesse propósito está a consciência de toda a gente brasileira que se identifica com o sacrifício realizado pelos companheiros daquele novembro.

Consciência que exalta e entusiasma — um estado d'alma que congrega brasileiros, desfaz equívocos e relaxa tensões, uma tomada de posição que inspira confiança e traz esperanças aos que duvidam.

Senti-la, é corresponder ao apêlo de governantes decididos e capacitados para realizarem um BRASIL de amanhã, responsabilidade que se harmoniza com março de 1964 nos esforços que concretizam os objetivos revolucionários.

Todos nós, sem dúvida, somos o "OUTRO DIA", aquêlo futuro que desejamos, a meta para a qual, TU, CIDADÃO, QUE AGORA ME ESCUTAS, trabalharás; um BRASIL para cuja grandeza sempre estarás convocado.

Se és mção, não te incorpores aos desagregados da família, aos desarrumados da sociedade ou aos insensíveis à Pátria, não malbarates esforço e mocidade — o BRASIL muito depende da tua participação, muito se tranqüiliza com a tua compreensão; és indispensável fator do progresso desta Nação que se engrandece contigo e em ti se aprimora.

BRASILEIRO!

Sente a ânsia de desenvolvimento e pensa no teu concurso; escuta o teu íntimo de cidadão e satisfaz o teu coração de patriota; ouve o brado de civismo e divisa o teu País mais portentoso.

Risca e traça o solo fértil dèste BRASIL com os recursos que a técnica já te dá; penetra as selvas e os sertões e põe ali vida e aperfeiçoamento; pela rosa-dos-ventos, espalha suor e colhe fácil o fruto da tua faina; povoa os teus ricos campos, solta a força das tuas águas caindo, movimenta fábricas, abre escolas, ocupa o teu chão.

Apanha e recolhe o que te deu o Criador, acelera as máquinas do teu dinamismo; anda, vai depressa, tens tudo a favor; em pouco tempo, afirmarás, de fato, a tua presença no BRASIL, e melhor, no mundo, a presença do teu BRASIL.

Progride, avança porém, eleva o teu pensamento a Deus e inspira-te nas normas da Moral e da Justiça; nunca percebas rancor nas linhas do Evangelho nem tumulto na concórdia da Religião; há uma consciência que te fala, uma emoção que te governa; teus filhos e teus irmãos em ti confiam, esperam e se apóiam.

Que tudo faças mas, sempre, com o BRASIL na tua mente e no teu coração como o tiveram os companheiros das jornadas de novembro de 1935, os bravos soldados outra vez aqui lembrados nos seus feitos e na celebração que nos congregou, outra vez a nós reunidos, outra vez a nos responderem:

"PRESENTE! AQUI AINDA ESTAMOS!"